

A ILHA



AILHA



A Ilha de Pirilândia, de beleza inebriante, escondia em suas entranhas um segredo sombrio, desconhecido por aqueles que se atreviam a visitá-la. Em um lado da ilha, o cenário era digno de um paraíso perdido: praias de areia branca que se estendiam até onde o olhar alcançava, palmeiras balançando suavemente ao vento e o mar calmo refletindo o céu azul imaculado. Os turistas, encantados, se entregavam ao descanso e à tranquilidade, sem suspeitar do que se escondia além das trilhas que ainda não ousavam explorar. Mas ao contrário dessa face paradisíaca, uma outra realidade coexistia à sombra da selva. A poucos passos da beleza dourada, a ilha se transformava em um pesadelo, um reino esquecido pela luz do sol. Ali, a mata selvagem se fechava em um abraço denso e sufocante, com suas árvores retorcidas e raízes que pareciam rastejar pelo chão, como se a própria terra estivesse viva. O ar, úmido e pesado, carregava o cheiro de decomposição e a presença ameaçadora de criaturas que não pertenciam ao mundo dos turistas.

Baratas gigantes, de cascos escuros e asas batendo furiosamente, rastejavam pelas folhas secas, enquanto nuvens de mosquitos atacavam em enxames. Morcegos, com olhos vermelhos e dentes afiados, voavam entre os galhos, em busca de presas inocentes. E ratos, se moviam nas sombras, correndo por entre os arbustos e as pedras, em uma dança sinistra que parecia se mover com a escuridão. Mas o pior de tudo era o som: gritos estranhos e distantes, que pareciam vir das profundezas da selva, misturados com o farfalhar das folhas e o murmúrio do vento. Sons de dor e agonia que nunca foram ouvidos pelos turistas. Esse lado da ilha, onde o tempo parecia ter parado, guardava segredos sombrios que nunca foram revelados a quem passava apenas pelas praias. Algo estava errado ali, algo que desafiava a compreensão dos visitantes. Uma força invisível habitava aquele território, uma presença que os turistas jamais imaginariam, e que, ao se aproximar, os engoliria, sem que eles soubessem o que estava por vir.

FOGO QUE CONSOME

A balça das sete horas balançava pesadamente enquanto se aproximava da ilha, as ondas agitadas do mar quebrando com força contra o casco. O horizonte, tingido de laranja pelo fogo distante, faz a cena parecer mais um pesadelo do que um simples destino turístico.

Luana, Carolina e Vanessa trocam olhares ansiosos, com cada uma carregando suas próprias expectativas. Enquanto o clima tropical da ilha se mistura com a tensão crescente, um cheiro de fumaça começa a invadir o ar, deixando uma sensação estranha de que algo não está certo.

A pequena vila de Pirilândia, com suas casas simples e ruelas tortuosas, parece acolhedora à primeira vista. Mas logo, os rumores de que a ilha foi amaldiçoada e que, em tempos antigos, desapareceram vários viajantes, começam a rondar os pensamentos das mulheres. Ao

se acomodarem em uma pequena pousada à beira-mar, o barulho do fogo aumenta, mas é tarde demais para retroceder. A morte parecia ser cruel. No silêncio da noite, uma figura misteriosa aparece, observando a vila do alto de uma colina. Algo sombrio está prestes a acontecer.

VENTO FURIOSO

Quando a noite cai, o vento começa a soprar com uma violência inesperada. As árvores balançam e as ondas do mar aumentam consideravelmente. O céu escurece rapidamente, e os moradores locais, com expressão preocupada, falam sobre um furacão que se aproxima.

Luana sente o peso da tensão no ar, mas Carolina, sempre pragmática, acredita que é apenas mais uma tempestade tropical. No entanto, a tempestade se intensifica e a ilha começa a tremer com os ventos furiosos.

Ao amanhecer, o céu é coberto por nuvens negras, e o furacão chega com força devastadora. O som das árvores quebrando é ensurdecedor. Um estrondo acompanha a queda de uma grande rocha, que atinge um ônibus turístico em movimento, derrapando pela estrada até cair em um abismo.

Desesperadas, as mulheres se refugiam nas montanhas, mas a jornada é brutal. Enquanto o vento as empurra para baixo, elas são forçadas a escalar uma rocha instável, com apenas o eco das tempestades para guiá-las. Ao chegar no topo, o cenário abaixo revela um campo de destruição: o vilarejo foi varrido pela fúria da natureza.

ALAGAMENTO

O pânico toma conta das ruas do vilarejo, onde as águas começam a subir a uma velocidade alarmante. Em minutos, a água cobre os primeiros andares das casas e a correnteza arrasta tudo no caminho, incluindo carros e pedaços de madeira. Vanessa, com os olhos arregalados de medo, corre em busca de um lugar mais alto.

Carolina grita por ajuda, mas o som das águas caudalosas as engole. Elas percebem que a única chance de sobreviver é alcançar uma velha fazenda nas montanhas. No entanto, enquanto tentam atravessar as ruas alagadas, um tornado inesperado surge, devastando tudo em seu caminho.

Uma mistura de destruição e desespero toma conta do cenário, e os três se separam. Luana, sozinha, vê um ônibus descontrolado, com uma massa de turistas desesperados tentando escapar.

O veículo derrapa, quase a atinge, mas ela consegue se afastar. Em um último esforço para encontrar segurança, as mulheres se separam novamente, correndo para diferentes direções, cada uma tentando lidar com os medos internos enquanto a natureza ao redor parece conspirar contra elas.